



FORMAÇÃO DOS PROFESSORES DOS ANOS INICIAIS: fragilidades e possibilidades

Halliny Gonçalves Sena Ferreira¹

Training of teachers from the early years: weaknesses and possibilities

Resumo:

A presente pesquisa busca dialogar sobre a formação de professores, analisando as dificuldades e limitações existentes, voltando-se, principalmente, para a docência dos anos iniciais, refletindo, também, sobre a qualidade do ensino e aprendizagem que estes formadores trazem para seus alunos, reavivando as implicações da formação acadêmica para se tornarem profissionais da educação. Presenciamos, cada vez mais, a necessidade de formar cidadãos com capacidades e habilidades para enfrentar o mundo, de tal forma que este seja capaz de lidar com as mudanças que ocorrem diariamente sendo um sujeito ativo e pensante, capaz de opinar sobre questões que podem refletir em seu contexto social. A presente pesquisa tem como objetivo compreender como se deu o processo de formação pelo qual os professores dos anos iniciais passaram para atuarem na docência e suas contribuições no processo formativo das crianças que estes educam, identificando as dificuldades encontradas por esses professores ao adentrarem a realidade da sala de aula; também verificar as concepções que os professores trazem quando falamos das questões teóricas levadas para a prática. A natureza da pesquisa é qualitativa, através de uma pesquisa de campo que foi realizada em uma instituição de ensino do município de Tauá, as técnicas de coleta de dados foram entrevistas com os professores que estão atuando na área. Os resultados indicam que a formação dos professores precisa ser mais valorizada e colocada como prioridade para que haja mudanças na educação.

Palavras-chave: Formação de Professores. Prática Docente. Aprendizagem.

Abstract:

The present research seeks to dialogue about teacher education, analyzing the existing difficulties and limitations, turning mainly to the teaching of the initial years, also reflecting on the quality of teaching and learning that these trainers bring to their students, reviving the implications of education to become professionals in education. We are increasingly witnessing the need to educate citizens with the skills and abilities to face the world, so that it is able to cope with the changes that occur daily, being an active and thinking subject, capable of expressing opinions on issues that may reflect on their social context. The aim of this research is to understand how the process of formation through which the teachers of the initial years have passed to act in teaching and their contributions in the formative process of the children they teach, identifying the difficulties encountered by these teachers as they enter the reality of classroom; also to verify the conceptions that the teachers bring when we speak of the theoretical questions taken to the practice. The nature of the research is qualitative, through a field research that was carried out in a teaching institution of the municipality of Tauá, the techniques of data collection were interviews with the teachers who are working in the area. The results indicate that the teacher training needs to be more valued and prioritized for changes in education.

Keywords: Teacher Training. Teaching Practice. Learning.

1. Especialista em Gestão e Coordenação Pedagógica e Educação Especial e Inclusiva. Professora na E. E. F. Josué Honório de Almeida.

1. INTRODUÇÃO

A escola democrática tem sido bastante discutida nos últimos anos, a partir da Lei de Diretrizes e Bases – LDB 9394/96, o acesso ao ensino e a educação tem sido garantido em todos os lugares e reconhecida como direito de qualquer indivíduo.

A acessibilidade de muitas minorias da população que, até então, estavam excluídas do processo educativo foram facilitadas, aumentando a parcela de crianças com acesso à escola, essa inclusão trouxe ao meio educacional a discussão da qualidade do ensino oferecido aos alunos. Fazia-se necessário uma formação compatível às exigências do sistema, como podemos verificar na passagem a seguir:

A formação de professores em cursos específicos é inaugurada no Brasil no final do século XX com as Escolas Normais destinadas à formação de docentes para as "primeiras letras". Essas escolas correspondiam ao nível secundário de então. Devemos lembrar que nesse período, e ainda por décadas, a oferta de escolarização era bem escassa no país, destinada a bem poucos (GATTI, 2009, p.37).

Segundo a autora, a formação de professores era bem mais difícil no século XX quando foi iniciada, percebe-se também que o ensino não era voltado para todos, durante muito tempo ele foi oferecido a uma pequena minoria, geralmente aquelas pessoas que faziam parte de famílias que tinha algum poder aquisitivo e o direito a educação demanda a necessidade por professores formados e cursos de graduação.

Percebemos, cada vez mais, a necessidade de formar cidadãos com capacidades e habilidades para enfrentar o mundo, de tal forma que este seja capaz de lidar com as mudanças que ocorrem diariamente sendo um sujeito ativo e pensante e capaz de opinar sobre questões que podem refletir em seu contexto social.

O objetivo do trabalho é identificar as fragilidades e as possibilidades da formação de professores, trazendo, através de autores e da pesquisa de campo feita, contribuições para a compreensão desse processo tão fundamental para a educação.

1.1 Documentos que fundamentam a formação inicial dos professores: LDB e as diretrizes do curso de Pedagogia

Ao entrar a década de 1990 com a lei n. 9394/96 (BRASIL, 1996), vemos então a discussão da relação entre teoria e prática como um grande desafio trazido para as universidades e faculdades responsáveis pela formação

dos profissionais da educação, tal lei estabelece o direito a educação para todas as pessoas independentes de classe social, raça e etc, com isso também provoca mudanças nos currículos. Essas mudanças necessitam que os currículos atendam às necessidades da nova clientela da escola. Portanto, vemos então a necessidade da formação inicial incluir além da teoria, a necessária iniciação à prática, a partir dos estágios e práticas responsáveis por uma prática docente mínima de 300 horas na formação inicial do professor.

Percebemos então, que a atual LDB propõe alterações para os cursos que formam professores. Embora, na prática, não tenha havido grandes mudanças, mesmo com tantas discussões que rodeiam o tema. Nessa perspectiva, propõe-se um modelo de professor reflexivo, que seja crítico e transformador, mas não é o que vemos na prática em sua maioria.

O artigo 62 da LDB traz a questão da formação necessária para que o indivíduo possa atuar como professor, trazendo a licenciatura como formação mínima para que o professor possa exercer sua profissão nos anos iniciais, tal lei veio modificar a questão de professores sem graduação em sala de aula.

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, a oferecida em nível médio na modalidade Normal.

Até meados da década de 1990 era comum a presença de professores sem uma graduação dando aula no ensino fundamental, a LDB trouxe a exigência de que para atuar na educação básica seria necessário ser graduado em Pedagogia e essa seria a formação mínima exigida.

As Diretrizes Nacionais do Curso de Pedagogia ressaltam que a formação do pedagogo será feita através de estudos teóricos e práticos, que se voltaram a uma reflexão crítica de sua atuação. O pedagogo será responsável por contribuições em diferentes âmbitos utilizando-se de seus conhecimentos para ambas tarefas a serem executadas.

O curso de Pedagogia, por meio de estudos teórico-práticos, investigação e reflexão crítica, propiciará: I – o planejamento, execução e avaliação de atividades educativas; II – a aplicação ao campo da educação, de contribuições, entre outras, de conhecimentos como o filosófico, o histórico, o antropológico, o ambiental ecológico, o psicológico, o linguístico, o sociológico, o

político, o econômico, o cultural (BRASIL, 2006).

O pedagogo tem como campo de atuação, tanto os ambientes escolares como não escolares, desde que promova a aprendizagem de seus alunos, este deve entender que seus alunos possuem especificidades e não aprendem nem se comportam todos da mesma forma, a educação deve estar voltada não só para o desenvolvimento dos aspectos cognitivos, mas também, para ensinar os alunos a controlarem suas emoções, trabalharem individualmente e em grupo para desenvolverem sua atuação no meio social.

IV – trabalhar, em espaços escolares e não-escolares, na promoção da aprendizagem de sujeitos em diferentes fases do desenvolvimento humano, em diversos níveis e modalidades do processo educativo;

V – reconhecer e respeitar as manifestações e necessidades físicas, cognitivas, emocionais, afetivas dos educandos nas suas relações individuais e coletivas;

As Diretrizes Curriculares para o curso de Pedagogia aplicam-se à formação inicial para o exercício da docência na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, e em cursos de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar, bem como em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos (BRASIL, 2006).

Segundo as diretrizes que norteiam o curso de pedagogia a formação inicial deve permitir ao profissional uma formação consistente com aquilo que é exigido pelas diretrizes, no sentido de que esse profissional ensine na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, similarmente traz que este pode ministrar conteúdos de todas as disciplinas e atuar também em outras áreas do serviço educacional que necessitem de conhecimentos pedagógicos.

Segundo Saviani (2006), a discussão sobre a formação de professores não iniciou agora e tais problemas vêm se consolidando desde a criação dos diversos institutos que formam para as licenciaturas, o ensino superior surgiu como uma maneira de capacitar tais profissionais, para exercer a profissão de docente, onde o indivíduo teria que se formar em uma universidade, se apropriando de todos os conceitos e das teorias que esta lhe proporciona.

Segundo a LDB houve um aumento no número de universidades, faculdades e institutos que se responsabilizam pela formação dos educadores que atuam em nosso meio. A formação antes vista como regalia para alguns, veio a se tornar acessível a todos,

viabilizando cursos de licenciatura para aqueles que se interessassem por este, desde que passassem nos exames de vestibulares. Surge então, a necessidade de analisar essas formações.

A facilidade para conseguir uma graduação expandiu ainda mais nos anos 2000 com as políticas de entrada nas universidades públicas e particulares através do Exame Nacional do Ensino Médio – ENEM, e do Programa Universidade para Todos – PROUNI que garantem vagas principalmente para alunos de escolas públicas em instituições particulares e também com os cursos de licenciaturas ofertados a distância através da Universidade Aberta do Brasil e por meio de outros institutos.

Dessa forma, temos nos questionado se não estão aumentando as dificuldades numa formação que, de fato, seja de qualidade, formações com mais praticidade e que demandam um espaço menor de tempo não limitariam a atuação profissionais docentes?

Ao buscar compreender essas dificuldades da formação, Tardif (2012, p.15) evidencia a necessidade de investir nos nossos profissionais da educação, no que se refere aos professores, estes se encontram desmotivados e percebem que sua profissão não é valorizada pela sociedade, desestimulando-os assim a exercer a docência.

[...] tanto na Europa como nas duas Américas, estes estudos mostram que os professores se sente pouco valorizados e que sua profissão sofreu uma perda de prestígio; o sistema escolar burocratizou-se e controla mais os professores; o currículo está mais pesado provocando uma diminuição da autonomia dos professores; a formação profissional continua a ser deficiente, dispersa, sem relação com o exercício concreto da profissão; a participação na vida dos estabelecimentos de ensino continua a ser muito reduzida [...].

A partir das indicações do autor, é notório a necessidade de uma reformulação no sistema de ensino, os professores precisam de uma maior autonomia para desenvolverem suas aulas e claro necessitam de uma valorização tanto de reconhecimento da profissão quanto salarial e de incentivo para que exerçam à docência da melhor forma possível.

Os educadores são deste modo desestimulados com baixos salários e pouco tempo fora do ambiente de trabalho, mesmo que desejem investir em sua formação de maneira contínua, se veem, muitas vezes, sem recursos para isso, estamos diante de um estado político que diz que a educação é a solução para quase tudo,

mas que corta recursos, que poupa investimentos, que deixa os profissionais a mercê de sua boa vontade como evidencia Tardif (2003, p.18):

[...] a formação dos professores foi particularmente apontada a dedo por não ter produzido professores competentes que teriam podido modificar ou aligeirar a situação melhorando os desempenhos dos alunos. Simplificado ao máximo, o raciocínio é mais ou menos o seguinte: as sociedades estão mal e a educação é responsável, em parte, por isso; não se pode melhorar a educação sem promover a qualidade dos docentes que nela trabalham; assim, torna-se imperioso sublinhar a importância da formação dos professores se tornou num dos principais objetivos das reformas escolares atuais?

Para que haja tais mudanças, como o início de uma geração de profissionais mais qualificados e motivados pelo exercício de sua profissão docente é preciso colocar a educação como prioridade, visar a formação baseando-se no investimento de recursos financeiros, pois se não existe investimento não há retorno.

Diante disso, nos questionamos sobre quais as implicações que essa formação de professores aligeirada nos traz? A formação de que falamos vem ser de grande importância quando tratamos de formar cidadãos? Quais os conteúdos seriam realmente indispensáveis durante a formação desses profissionais, como tem se dado tal formação, o que lhes é ensinado realmente é suficiente?

A formação docente seria a responsável pela construção dos conhecimentos do profissional da educação, levando em conta todos os conteúdos necessários para que se forme um bom profissional.

Baseado em Pimenta (2012), diante dos ideais da profissionalização, vemos as novas representações para o sistema de ensino voltando-se à maneira de ensinar e o conhecimento que os educadores trazem para o meio formativo. As mudanças propostas para a nova formação dos professores e a organização do trabalho docente são vistas em diferentes trabalhos como no de Tardif e Lessard (2007), Pimenta (2012), estes veem uma necessidade de que os estabelecimentos escolares tenham mais autonomia para decidirem questões educativas, fazer com que investigadores e professores colaborem entre si para a construção de melhorias formativas, dando assim uma maior autonomia para os professores, visando que estes participem da gestão escolar e construam juntos uma nova educação.

O autor defende o ensino voltado para a construção de um cidadão que seja capaz de viver em sociedade com

os valores necessários para uma boa convivência, o professor de certa forma tem uma grande influência na construção das opiniões de seus alunos sendo um orientador não apenas de saberes, mas também, de valores imprescindíveis ao ser humano.

Segundo Pimenta (2012), não é surpresa a necessidade que vemos de se mudar a formação dos professores, um dos discursos mais ouvidos quando falamos com professores que já se encontram a algum tempo no exercício da profissão é que quando chegaram na sala de aula pelas primeiras vezes se deparam com um contexto para o qual não estavam preparados, somente os conteúdos teóricos da graduação não preencheram todas as lacunas do conhecimento.

Quando nos encontramos em novos tempos que exigem uma nova qualidade no ensino, o professor se forma no dia a dia, onde encontra novas situações, novos problemas que demandam diferentes soluções, o que se aplica para um problema, muitas vezes, não soluciona a mesma situação em outro contexto.

2. O PERCURSO METODOLÓGICO DA PESQUISA

Além da pesquisa bibliográfica, indispensável a qualquer trabalho acadêmico, realizamos uma pesquisa de campo, quando falamos em pesquisa de campo é importante que se fale sobre o ato de pesquisa, na pesquisa é necessário que haja o diálogo com a realidade que se pretende investigar. Essa pesquisa só fará sentido entrando no campo em que a formação dos professores acontece. Com esse objetivo realizamos entrevistas com 03 professores de uma escola, a entrevista tem por finalidade investigar as opiniões dos professores que atuam nos anos iniciais do ensino fundamental I, tendo em vista que estas ensinam em anos diferentes, uma atua no 1º ano, outra no 2º ano e por último do 3º ano, com a intenção de comparar tanto as mudanças que possam ocorrer nas opiniões de acordo com a mudança de ano onde os conteúdos são diferentes e as semelhanças encontradas no contexto da sala de aula, mesmo com professores de turmas diferentes.

Segundo Gonçalves (2001, p.67):

A pesquisa de campo é o tipo de pesquisa que pretende buscar a informação diretamente com a população pesquisada. Ela exige do pesquisador um encontro mais direto. Nesse caso, o pesquisador precisa ir ao espaço onde o fenômeno ocorre, ou ocorreu e reunir um conjunto de informações a serem documentadas.

Com relação aos participantes da pesquisa, escolhemos 03 professores da instituição que tenham de preferência cursado pedagogia, e que estejam no exercício da profissão.

Para realização da coleta de dados com os professores, utilizamos de uma entrevista semiestruturada com um roteiro de perguntas preestabelecidas, mas com a possibilidade de criar perguntas no decorrer da entrevista, de acordo com o surgimento de possíveis dúvidas ou esclarecimentos. Escolhemos esse modelo de entrevista baseado em Demo (1995) que define a entrevista semiestruturada como a atividade científica que permite ao pesquisador descobrir a realidade. Minayo (1996) defende ser o fenômeno que permite aproximarmos os fatos ocorridos na realidade da teoria existente sobre o assunto analisado, a partir da combinação entre ambos.

Para Triviños (1987, p. 146) a entrevista semiestruturada tem como característica questionamentos básicos que são apoiados em teorias e hipóteses que se relacionam ao tema da pesquisa. Os questionamentos dariam frutos a novas hipóteses surgidas a partir das respostas dos informantes.

Nesse tipo da entrevista, ainda podemos obter um maior contato com o sujeito a ser investigado, fazendo com que ele se sinta realmente dentro da pesquisa e se entusiasme a responder as perguntas da melhor forma possível. O roteiro de perguntas foi elaborado contemplando apenas as questões centrais sobre a formação, tendo em vista que, durante a execução desta, as dúvidas e perguntas poderão ser feitas ao professor investigado.

O Cenário dessa investigação é uma escola do município de Tauá no estado do Ceará onde me reporte ao trabalho dos professores e suas impressões sobre a teoria tida e a prática que se remete a formação que esses tiveram nos seus cursos de graduação.

2.1 Caracterização dos sujeitos da pesquisa

A tabela a seguir define o perfil dos sujeitos entrevistados:

TABELA 1 – DADOS DE IDENTIFICAÇÃO DOS SUJEITOS

IDENTIFICAÇÃO	NÍVEL DE ESCOLARIDADE	PÓS-GRADUAÇÃO	TEMPO DE ATUAÇÃO	INSTITUIÇÃO QUE CURSOU
Josefa 3º ano	Superior completo/pedagogia	Gestão escolar e psicopedagogia	18 anos	Uece/Cecitec
Francisca 2ºano	Superior completo/pedagogia	Educação especial	20 anos	Uece/Cecitec
Antônia 1º ano	Superior completo/pedagogia	Educação de jovens e adultos	29 anos	Uece/Cecitec

Fonte: elaboração do autor.

Os sujeitos da pesquisa foram identificados por nomes fictícios escolhidos aleatoriamente, todos os sujeitos da pesquisa são 100% femininos, e percebe-se na escola que a maioria dos profissionais da educação são mulheres.

2.2 Refletindo acerca dos achados

O objetivo desse estudo é analisar os achados da pesquisa, fazendo relação com os autores e com as pesquisas que trago no início do estudo, trago aqui os resultados e minhas impressões sobre estes e elenco algumas possíveis soluções para o problema aqui colocado.

A análise das entrevistas revela que as teorias que são repassadas são importantes, mas que ao estar numa sala de aula a realidade é outra e então aparecem as dificuldades no exercício da profissão, como confirma a fala das professoras sobre as teorias sobre a sala de aula:

Josefa: as teorias foram importantes e necessárias, mas não suficientes para uma preparação pra sala de aula, temos que ir para a realidade da prática da sala de aula, só a partir da junção dessa teoria com a prática ter uma práxis que embasa e solidifica o nosso trabalho enquanto educador.

Francisca: as teorias ajudaram, mas é preciso sempre ser um eterno pesquisador se você quiser desenvolver um bom trabalho em sala de aula.

Antônia: é importante termos uma boa base teórica, mas a gente vai aprendendo e adquirindo novos conhecimentos a partir da necessidade que temos de se trabalhar com a realidade da sala por que nem sempre a realidade da sala de aula é de acordo com as teorias que a gente estuda. Aprendemos a fazer fazendo.

Como mostra Tardif (2003), precisamos de uma mudança no ensino, na maneira como as universidades estão formando seus alunos. É visível que a teoria não corresponde as necessidades da prática, os professores devem está em constante mudança, são necessários novos métodos, novas formas de agir para a realidade que está sendo encontrada no contexto das salas de aula, se a prática é que define quais teorias podem ser utilizadas, por que não mudar os estágios oferecidos na graduação, ao invés do final do curso para o início desses.

Libâneo (2003), também pontua que é preciso relacionar os conteúdos que são repassados durante o curso com a prática e a dura realidade que encontra-se na sala de aula. Se os alunos fossem colocados diante dos seus contextos de trabalho logo quando entram na graduação, teriam a oportunidade de esclarecer suas dúvidas práticas, levando em conta as teorias e até mesmo adaptar algumas teorias que não se encaixam ao contexto das realidades encontradas nas escolas

atualmente.

É o que vemos nas falas das professoras quando perguntamos se as teorias que estudaram durante sua formação estão de acordo com o contexto da prática que elas encontraram na sala de aula:

Você tem uma prática que às vezes nem passa na sua cabeça quando você idealiza uma sala de aula, quando você não conhece a realidade de uma sala de aula, mas assim ela não veio totalmente a ser da mesma forma mas elas se encontram, eu aproveitei as teorias que foram trabalhadas, no meu contexto de universitária e tentei trazer para minha prática em sala de aula, fazendo uma fundamentação e até justificando determinadas praticas com as teorias que eu vi lá na universidade, elas por si só não dão conta de uma dinâmica de uma sala de aula, mas ajudam a entender determinadas situações. (Josefa)

Ao pensarmos na fala da professora Josefa, vemos a pertinência de uma mudança no processo de ensino, professores que serão responsáveis por educar diferentes alunos em diferentes contextos sociais e culturais, não podem aprender apenas uma teoria bonita que não funcione na sala de aula, a teoria e a prática tem que andarem juntas e diante disso serem responsáveis por formar professores que realmente estejam preparados para tudo.

Os nossos professores precisam ser formados sabendo o que vão encontrar na sala de aula, para que muitos não descubram no fim do curso que a realidade não é bem aquilo que os teóricos lhes disseram e que os desafios e as dificuldades são inúmeras, mas que existem várias possibilidades de mudança. Não podemos correr o risco de formar professores desestimulados a exercer sua profissão que é o que vem acontecendo com a docência, muitos estudam sem saber que a realidade de uma escola e de uma sala de aula é complexa e que é necessário um trabalho árduo para mudar diferentes situações que encontram-se na educação. É o que encontramos na fala da professora Francisca:

Nem sempre a teoria vai de encontro ao que a gente encontra no contexto escolar, o contexto escolar geralmente apresenta mais dificuldade e as teorias elas ajudam a reforçar o trabalho com essas dificuldades, mas a gente encontra muita realidade diferente do que a gente aprende nas teorias, a falta de acompanhamento dos pais por exemplo, porque hoje além de ser uma questão de sobrevivência os pais acompanharem os filhos, eles estão jogando pra escola o que é o dever deles e isso dificulta o trabalho dos professores na sala de aula e muitos outros problemas como o acompanhamento das tarefas escolares, os valores invertidos que estão acontecendo na sociedade. (Francisca)

Assim vemos que a sociedade está mudando, que os alunos que encontramos na sala de aula vivem duras realidades no seu contexto social, que os professores estão fazendo papéis que não cabem a eles, educar os filhos no lugar dos pais, acompanhar atividades de casa, buscar revisar sempre os conteúdos como uma forma de ajudá-los a estudar, porquanto em muitos casos os alunos só estudam quando estão na sala de aula, pois em casa não tem um acompanhamento que é indispensável para uma melhor aprendizagem. É o que confirma-se com a fala da professora Antônia:

Muitas vezes o que a gente encontra em sala de aula não é exatamente como contam as teorias bonitas que estão lá nos livros de acordo com os teóricos, quando partimos para a prática a realidade é outra, então temos que nos adequar a realidade das crianças nos aperfeiçoando e buscando adquirir novos conhecimentos para lidar com a realidade. Um exemplo trabalhar com alunos que vem de uma realidade onde não existe o acompanhamento dos pais em casa, onde têm famílias desestruturadas, a gente acaba sendo psicólogo, terapeuta, assumindo várias funções no nosso trabalho. (Antônia)

Sendo assim para que haja mudanças na formação é preciso que se mude a matriz curricular dos cursos que formam professores, que se faça uma análise das disciplinas e de como essas podem estar ordenadas durante o curso, modificar os estágios, possibilitar as formações para esses alunos, que estes possam adentrar desde cedo o contexto da sala de aula. Isso fica mais evidente quando perguntamos se as disciplinas do curso de pedagogia foram suficientes para que essas professoras viessem a dar aulas de todas as matérias no ensino fundamental I as respostas confirmam:

Eu tive que me aprofundar fazer outras habilitações elas me orientaram dentro da minha formação pedagógica, mas dentro da minha disciplina do entendimento que eu devo ter da disciplina da qual eu vou lecionar, eu tive que estudar mais o conhecimento pedagógico foi importante e necessário. (Josefa).

Na fala de Josefa percebemos que a graduação não foi suficiente para que ela desse aula de todas as matérias e soubesse todos os conteúdos. Ela teve que buscar novas formas de estudo, aprimorar-se em seus conhecimentos para só então conseguir dominar os conteúdos serem lecionados.

A educação precisa não só de novos professores, mas professores que estejam comprometidos a mudar as realidades difíceis que estamos enfrentando. Uma revisão no piso salarial traria novas forças a quem já está atuando para se renovar e continuar buscando melhorias para suas técnicas de ensino e aprendizagem e sem

dúvidas atrairia novas pessoas dispostas a ingressarem na profissão.

Quando falamos de questões salariais estas nos fazem lembrar a formação continuada, essa formação é necessária a todos os profissionais que pretendem estar se atualizando e buscando melhorar sua qualidade e técnica de ensino, pois na maioria das vezes o professor tem que custear mais essa despesa. Sendo assim identificamos que existe sim um interesse pela parte dos professores em se especializar em buscar novos conhecimentos em dividir suas vivências em formações, mas identificamos a falta de tempo que esses encontram para isso e a falta de incentivo por parte da secretaria de educação, não se tem nas horas que são contratados, um tempo que seja destinado a formações e cursos.

Ainda temos entre tantos desafios as turmas de alunos superlotadas, professores em sala diante de mais de 30 alunos, com suas especificidades e suas dificuldades individuais, durante a formação de professores aprendem que nem todos os alunos aprendem da mesma maneira, que alguns necessitam de intervenções de formas diferentes de ensino como colocado por uma das professoras:

O professor às vezes necessita trabalhar dois três expedientes justamente pela questão de sobrevivência onde o salário de professor de apenas um período não é suficiente, temos que dar 200 horas 300 horas na sala de aula, não sobrando tempo suficiente para aprofundar nossos estudos, procurar novas técnicas de ensino. Apenas um professor pra dar assistência a vários alunos dificulta, por que os alunos também precisam de atendimento individualizado, no máximo deveriam ser 25 alunos, principalmente no fundamental I. (Antônia)

Tardif (2003) nos coloca que os anos iniciais seriam cruciais na formação da criança que é durante esse primeiro contato que elas podem aprender ou não nas séries sucessivas, então porque não mudar a quantidade de alunos em uma sala, aumentando o número de professores a atuarem em sala e claro melhorando o ensino. No relato da professora vemos essa necessidade:

Em uma turma com poucos alunos você pode fazer um trabalho bem feito olhando e trabalhando o aluno um por um, trabalhando melhor e mais com cada aluno da sala. Eu acredito que deveria ser revisto o número de alunos, por que uma sala com 30 alunos, por exemplo, é uma sala muito numerosa, onde não se tem condição de trabalhar com cada aluno individualmente, então poderia ser revista essa questão do número de alunos, pelas secretarias de educação. (Francisca)

Estamos considerando a vocês profissionais que estão o bastante tempo atuando em sala de aula e acreditam

que a educação precisa ser valorizada e colocada em primeiro lugar, trabalham com uma realidade de turmas superlotadas.

Tardif e Lessard (2007) nos mostram que países industrializados trabalham com números menores de alunos em cada sala de aula e que isso influencia de maneira significativa para a educação e aprendizagem dos alunos que estudam nessas salas, mudanças como essa reduziriam outros problemas como a carga de trabalho dos professores que com uma quantidade menor de alunos poderiam equilibrar assim seu trabalho e suas funções excessivas.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao iniciar essa pesquisa o que me motivou foram às dificuldades que encontrei ao adentrar a sala de aula, acabei me deparando com realidades que as teorias que havia visto no meu curso não me prepararam.

A primeira impressão que tive foi que as teorias estudadas não se aplicavam à prática, no decorrer da investigação pude obter respostas para diversos questionamentos que passavam em minha mente e pude perceber que não é só eu, mas professoras que estão atuando a muito tempo também encontraram essas dificuldades.

No entanto, no decorrer desse trabalho compreendi que o professor precisa construir sua identidade, necessita estar em constante estudo e em constante busca pelo conhecimento.

Os professores nunca estarão preparados para tudo, diante da sociedade na qual estamos vivendo, vemos todos os dias mudanças ocorrendo, novos métodos e formas de ensinar, surgindo novas tecnologias que precisam ser introduzidas ao ensino.

O bom professor deve superar as dificuldades que vimos durante a investigação, não são poucas e buscar dar o melhor do seu trabalho visando formar cidadãos que realmente possam melhorar a sociedade, o professor não é o salvador da pátria como disse uma das professoras, mas sem dúvidas ele pode ajudar a constituir melhorias para todos.

No momento no qual se encontra a educação brasileira um tema como a formação de professores do ensino fundamental I, assume um papel de grande importância, se queremos melhorar nossa educação precisamos começar pela formação dos nossos professores, se houverem mais investimentos na área existirão

mudanças para melhor. Vemos uma sociedade impactada pelas mudanças econômicas, sociais, políticas e culturais que fazem uma reavaliação dos papéis do professor, embora existam tantos problemas a escola precisa superar e continuar a exercer seu papel.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei número 9394, 20 de dezembro de 1996.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. Introdução: a disciplina e a prática da pesquisa qualitativa. In: DENZIN, N. K. e LINCOLN, Y.S. (orgs). **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2.ed. Porto Alegre: Artmed, 2006. p. 15-41.

GARRIDO, Selma Pimenta. **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 7. Ed. São Paulo: Cortez, 2012. Vários autores.

GATTI, B. A. **Professores do Brasil impasses e desafios**. Coordenado por Bernadete Angelina Gatti e Elba Siqueira de Sá Barreto. Brasília: UNESCO, 2009. 294p.

GONSALVES, E. P. **Conversas sobre iniciação à pesquisa científica**. Campinas, SP: Alínea, 2001.

LIBÂNEO, J. C. **Adeus professor, adeus professora?: novas exigências educacionais e profissão docente**. 7. Ed. São Paulo: Cortez, 2003. (coleções questões da nossa época: v.67).

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**. 38. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

TARDIF, M; LESSARD, C; CLERMONT C. **Formação dos professores e contextos sociais**. Porto: RÉ S Editora, 2000.

TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários: elementos para uma epistemologia da prática profissional dos professores e suas consequências em relação à formação para o magistério. **Rev. Bras. Educ.** [online]. 2000, n.13, pp. 05-24. ISSN 1413-2478.

TARDIF, M. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. 3 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.